Prólogo

Londres. Abril de 1878.

O demônio explodiu em um banho de icor e entranhas.

William Herondale puxou de volta a adaga, mas era tarde demais. O ácido viscoso do sangue da criatura já começava a corroer a lâmina brilhante. Ele praguejou e jogou a arma de lado; ela aterrissou em uma poça imunda e começou a se extinguir como um fósforo mergulhado na água. O demônio em si, é claro, já desaparecera — despachado de volta para qualquer mundo infernal do qual viera, mas não sem deixar uma bagunça para trás.

— Jem! — chamou Will, se virando. — Onde você está? Viu isso? Morto com um golpe! Nada mal, hein?

Mas não houve resposta ao grito; o parceiro de caça estivera atrás cobrindo sua retaguarda na rua úmida e torta há poucos instantes, Will tinha certeza, mas agora estava sozinho nas sombras. Franziu a testa com irritação — era muito menos divertido se mostrar quando Jem não estava lá pra ver. Olhou para trás, onde a rua se estreitava em uma passagem que dava nas águas negras e agitadas do Tâmisa ao longe. Pela abertura Will podia ver os contornos escuros dos navios ancorados, como uma floresta

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 11 20/03/2012 09:51:55

de mastros, um pomar sem folhas. Nada de Jem ali; talvez tivesse voltado para a Narrow Street à procura de mais luz. Dando de ombros, Will voltou pelo caminho pelo qual tinha vindo.

A Narrow Street passava por Limehouse, entre as docas ao lado do rio e os pardieiros amontoados a oeste em direção a Whitechapel. Era bastante estreita, repleta de armazéns e construções assimétricas de madeira. No momento estava deserta; mesmo os bêbados cambaleando para casa vindos do Grapes no alto da rua haviam achado algum lugar para cair no sono. Will gostava de Limehouse, gostava da sensação de estar na beira do mundo, onde os navios saíam diariamente para portos tão distantes que era difícil imaginá-los. O fato de que a área era frequentada por marinheiros, e consequentemente cheia de antros de jogatina e ópio, além dos bordéis, também não era ruim. Era fácil se perder em um lugar como este. Ele nem se importava com o cheiro — fumaça, corda e alcatrão, temperos estrangeiros misturados ao fedor de água suja do Tâmisa.

Olhando para todos os lados da rua vazia, ele esfregou a manga do casaco no rosto, tentando limpar o icor que ardia e queimava a pele. O tecido voltou manchado de verde e preto. Havia também um corte, bem feio, na parte de trás de sua mão. Um símbolo de cura seria bom agora. Um dos de Charlotte, de preferência. Ela era particularmente boa em desenhar *iratzes*.

Uma forma surgiu das sombras e foi na direção de Will. Ela avançou rapidamente, mas logo parou. Não era Jem, mas um policial mundano com um capacete em formato de sino, um sobretudo pesado e uma expressão confusa. Olhou para Will, ou melhor, *através* de Will. Por mais acostumado que ele estivesse a feitiços, era sempre estranho que olhassem em sua direção e não o vissem. Will foi dominado por um impulso repentino de agarrar o cassetete do policial e observar o homem olhando em volta, tentando imaginar onde tinha ido parar; mas Jem o censurou nas poucas vezes em que fizera isso, e apesar de Will jamais ter entendido direito as objeções dele em relação a se divertir, não valia a pena irritá-lo.

Dando de ombros e piscando, o policial passou por Will, balançando a cabeça e murmurando para si mesmo algo sobre parar com o gim antes que realmente começasse a ver coisas. Will chegou para o lado a fim de permitir que o homem passasse, depois gritou:

— James Carstairs! Jem! Onde você *está*, seu canalha desleal?

Desta vez, houve uma resposta fraca:

— Aqui. Siga a luz enfeitiçada.

Will se moveu em direção ao som da voz de Jem. Parecia vir de uma abertura escura entre dois armazéns; um brilho fraco era visível entre as sombras, como a luz de um fogo-fátuo.

— Você me ouviu antes? Aquele demônio Shax achou que pudesse me pegar com aquelas malditas pinças, mas eu o encurralei em um beco e...

— Sim, ouvi.

— O jovem que apareceu na entrada do beco estava pálido à luz do poste; mais pálido do que o normal, que já era bastante. Estava com a cabeça descoberta, o que atraía qualquer olho imediatamente para seu cabelo. Era de um estranho tom prateado brilhante, como um xelim novo. Os olhos tinham a mesma cor prateada e o rosto fino era angular; a leve curva dos olhos oferecia a única pista de sua origem.

Tinha manchas escuras na frente da camisa branca, e as mãos estavam ensopadas de vermelho.

Will ficou tenso.

— Você está sangrando. O que aconteceu?

Jem afastou a preocupação de Will com um gesto.

— O sangue não é meu. — Virou a cabeça, apontando o beco atrás de si. — É dela.

Will olhou para além do amigo, para as sombras mais densas do beco. No canto ao longe havia uma figura encolhida, apenas uma sombra na escuridão, mas quando Will olhou de perto, conseguiu identificar uma mão pálida e um tufo de cabelo claro.

— Uma mulher morta? — perguntou Will. — Uma mundana?

— Uma garota, na verdade. Não mais de 14 anos.

Com isso, Will soltou um palavrão alto e bem claro. Jem esperou pacientemente até que ele acabasse.

— Se ao menos tivéssemos passado um pouco mais cedo — disse Will finalmente. — Aquele maldito demônio...

— Isso é que é estranho. Não acho que seja obra do demônio. — Jem franziu o rosto. — Demônios Shax são parasitas, parasitas de ninhada. Ele teria levado a vítima de volta para a toca para depositar ovos na pele enquanto ainda estava viva. Esta menina foi esfaqueada, repetidas vezes. E também não acho que foi aqui. Não há sangue o bastante no beco. Acho que foi atacada em outro lugar e se arrastou até aqui para morrer.

— Mas o demônio Shax...

— Já disse, não acho que *tenha sido* o Shax. Acho que o demônio a perseguiu, caçando-a por alguma outra coisa, ou outra pessoa.

— Shaxes têm um olfato apurado — concedeu Will. — Já ouvi falar em feiticeiros utilizando-os para seguir rastros de desaparecidos. E ele realmente parecia estar se movendo com algum propósito estranho. — Olhou para além de Jem, para a miudez deplorável da forma encolhida no beco. — Não encontrou a arma, encontrou?

— Aqui. — Jem sacou alguma coisa de dentro do casaco, uma faca, enrolada em tecido branco. — É uma espécie de misericórdia, ou adaga de caça. Veja como a lâmina é fina.

Will a pegou. Era fina de fato, acabando em um cabo de osso polido. A lâmina e o cabo estavam manchados de sangue seco. Com o rosto franzido, limpou-a no tecido espesso da manga, esfregando até que um símbolo, marcado a fogo na lâmina, se tornasse visível. Duas serpentes, uma mordendo a cauda da outra, formando um círculo perfeito.

— *Ouroboros* — disse Jem, inclinando-se para olhar a faca. — Um duplo. Agora, o que acha que isso significa?

— O fim do mundo — disse Will, ainda olhando para a adaga e com um pequeno sorriso se formando na boca —, e o começo.

Jem franziu a testa.

— Entendo a simbologia, William. Quis dizer, o que você acha que significa ele estar marcado na adaga?

O vento do rio sacudia o cabelo de Will; ele o tirou dos olhos com um gesto impaciente e voltou a estudar a faca.

— É um símbolo alquímico, não de um feiticeiro, ou do Submundo. Geralmente significa coisa de humano, do tipo tolo que acha que trafegar pela magia é o passe para conseguir riqueza e fama.

— Do tipo que geralmente acaba uma pilha de trapos sangrentos dentro de algum pentagrama. — A voz de Jem era grave.

— Do tipo que gosta de espreitar nas partes do Submundo da nossa adorável cidade. — Após enrolar cuidadosamente o lenço na lâmina, Will a colocou no bolso do casaco. — Acha que Charlotte vai me deixar cuidar da investigação?

— Acha que *você* é confiável no Submundo? Os antros de apostas, os covis de vício mágicos, as mulheres sem moral...

Will sorriu do mesmo jeito que Lúcifer deve ter sorrido momentos antes de cair do Paraíso.

— Você acha que amanhã seria cedo demais para começar a procurar?

Jem suspirou.

— Faça o que quiser, William. Você sempre faz.

Southampton. Maio.

Tessa não conseguia se lembrar de uma época em que não tivesse amado o anjo mecânico. Outrora pertencera à sua mãe, que o usava no momento de sua morte. Depois disso tinha permanecido na caixa de joias, até que seu irmão, Nathaniel, um dia o pegou para ver se ainda funcionava.

O anjo não era maior do que o dedo mindinho de Tessa, era uma minúscula estatueta de bronze com asas metálicas dobradas, não maiores do que as de um grilo. Tinha um rosto delicado de metal com pálpebras fechadas em forma crescente e mãos cruzadas sobre uma espada na frente. Uma corrente fina que passava sob as asas permitia que o anjo fosse usado no pescoço como um medalhão.

Tessa sabia que ele era mecânico pois se o colocasse na orelha podia ouvir o ruído do mecanismo, como o som de um relógio. Nate ficara surpreso por ainda estar funcionando depois de tantos anos e procurou, em vão, por algum arranhão, amassado, ou qualquer outra coisa que pudesse ter danificado o anjo. Mas não havia nada. Dando de ombros, entregou-o a Tessa. Desde aquele instante, ela jamais o tirou; mesmo à noite, o anjo ficava apoiado contra seu peito enquanto dormia, o *tique-taque, tique-taque* constante, como as batidas de um segundo coração.

Ela o segurava apertado entre os dedos agora, enquanto o *Primordial* passava em meio a outras embarcações a vapor à procura de um local para ancorar no porto de Southampton. Nate havia insistido para que ela fosse para lá em vez de Liverpool, aonde a maioria dos transatlânticos aportava. Ele alegara que era por Southampton ser um local mais agradável para se chegar, então Tessa não conseguiu deixar de se decepcionar um pouco com sua primeira visão da Inglaterra. Era assustadoramente cinza. A chuva batia nos pináculos de uma igreja distante enquanto fumaça negra se erguia das chaminés de navios e manchava o céu já opaco. Uma multidão de pessoas com roupas escuras, empunhando guarda-chuvas, esperava no porto. Tessa

se esforçou para ver se o irmão estava no meio, mas a bruma e o vapor do navio eram espessos demais para que pudesse identificar qualquer pessoa.

Tessa estremeceu. O vento do mar era gelado. Todas as cartas de Nate alegavam que Londres era linda, o sol brilhando todos os dias. Bem, pensou Tessa, com sorte o tempo lá seria melhor do que aqui, já que não tinha roupas quentes consigo, nada mais substancial do que um xale de lã que pertencera à tia Harriet e um par de luvas finas. Ela vendera quase todas as roupas para pagar o enterro da tia, segura de que o irmão compraria novas para ela quando chegasse a Londres para morar com ele.

Um estrondo soou. O *Primordial*, com seu casco preto brilhante reluzindo com as gotas de chuva, havia ancorado, e rebocadores abriam caminho pela água cinzenta, prontos para levar bagagens e passageiros até a costa. Torrentes de pessoas deixavam o navio, claramente desesperados para sentir terra sob os pés. Tão diferente da partida de Nova York. Naquela ocasião o céu estivera azul, e uma banda de metais tocava. Mas, sem ninguém lá para se despedir dela, não foi uma ocasião feliz.

Curvada, Tessa se juntou à multidão que desembarcava. Gotas de chuva ferroavam sua cabeça e pescoço desprotegidos como agulhas de gelo, e suas mãos, dentro das luvas leves, estavam pegajosas e molhadas. Chegando ao cais, olhou em volta ansiosa, tentando achar Nate. Fazia quase duas semanas desde que falara com alguém, tendo passado quase todo o tempo isolada a bordo do *Primordial*. Seria maravilhoso ter novamente o irmão para conversar.

Mas ele não estava lá. Os ancoradouros estavam cheios de pilhas de bagagem e todo tipo de caixas e carga, até montes de frutas e legumes murchando e se despedaçando sob a chuva. Uma embarcação a vapor partia para Le Havre ali perto, e marinheiros de aparência desanimada se agruparam perto de Tessa, gritando em francês. Ela tentou se mover para o lado, quase sendo pisoteada por uma multidão de passageiros que desembarcavam, apressados para chegar ao abrigo da estação de trem.

Mas Nate não estava em lugar algum.

— Você é a srta. Gray? — A voz era rouca, com um sotaque pesado.

Um homem se moveu para se colocar diante de Tessa. Era alto e vestia um casaco preto e um chapéu alto, cuja aba acumulava água da chuva como uma cisterna. Tinha olhos peculiarmente esbugalhados, quase protuberantes, como os de um sapo, a pele de aparência tão áspera quanto uma cicatriz.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 16 20/03/2012 09:51:56

Tessa teve que combater o impulso de se encolher. Mas ele sabia o nome dela. Quem saberia seu nome, além de alguém que também conhecesse Nate?

— Sim?

— Seu irmão me mandou. Venha comigo.

— Onde ele está? — perguntou Tessa, mas o homem já se afastava. Suas passadas não eram uniformes, como se algum antigo ferimento o fizesse mancar. Após um instante, Tessa segurou a saia e se apressou atrás dele.

Ele costurou pela multidão, avançando com velocidade decidida. Pessoas pulavam para o lado, murmurando sobre sua grosseria enquanto ele passava abrindo caminho com os ombros, com Tessa quase correndo para acompanhar. Ele virou abruptamente ao passar por uma pilha de caixas e parou diante de uma carruagem grande, preta e reluzente. Havia letras douradas pintadas na lateral, mas a chuva e a bruma estavam espessas demais para que ela conseguisse ler.

A porta da carruagem se abriu e uma mulher se inclinou para fora. Usava um enorme chapéu de plumas que escondia seu rosto.

— Srta. Theresa Gray?

Tessa assentiu. O homem de olhos esbugalhados se apressou para ajudar a mulher a saltar — e em seguida outra, atrás dela. Cada uma abriu um guarda chuva imediatamente. Em seguida fixaram os olhos em Tessa.

Formavam um par estranho, as mulheres. Uma era muito alta e magra, com um rosto ossudo e pontudo. Os cabelos sem cor estavam amarrados em um coque atrás da cabeça. Trajava um vestido de seda violeta brilhante, já manchado aqui e ali com gotas de chuva, e luvas combinando. A outra mulher era baixa e roliça, com olhos pequenos afundados na cabeça; as luvas rosas brilhantes esticavam-se sobre as mãos largas e as faziam parecer patas coloridas.

— Theresa Gray — disse a mais baixa. — Que prazer conhecê-la afinal. Sou a sra. Black, e esta é a minha irmã, sra. Dark. Seu irmão nos mandou para acompanhá-la até Londres.

Tessa — abatida, com frio e espantada — enrolou o xale molhado com mais firmeza em volta de si.

— Não entendo. Onde está Nate? Por que não veio pessoalmente?

— Ficou retido por negócios inadiáveis em Londres. Mortmain não pôde liberá-lo. Mas enviou um bilhete para você. — A sra. Black entregou um bilhete enrolado, já molhado pela chuva.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 17 20/03/2012 09:51:56

Tessa o pegou, virando-o para ler. Era um bilhete curto do irmão, se desculpando por não estar no porto para recebê-la, e informando-a de que confiava na sra. Black e na sra. Dark — *as chamo de Irmãs Sombrias, Tessie, por razões óbvias, e elas parecem achar o nome adequado!* — para trazerem-na em segurança até sua casa em Londres. Elas eram, dizia o bilhete, suas senhorias e também amigas de confiança, e tinham sua mais alta recomendação.

Isso a fez decidir. A carta era certamente de Nate. A letra era dele, e ninguém mais a chamava de Tessie. Ela engoliu em seco e guardou o bilhete na manga, virando-se novamente para encarar as irmãs.

— Muito bem — disse, combatendo a sensação de decepção, pois estava muito ansiosa para ver o irmão. — Devemos chamar um carregador para buscar minha bagagem?

— Não precisa, não precisa. — O tom vibrante da sra. Dark não combinava com suas feições cinzentas. — Já providenciamos para que fosse despachada. — Ela estalou os dedos para o homem de olhos arregalados, que se posicionou no assento de guia da carruagem. Ela pôs a mão no ombro de Tessa. — Vamos, criança; vamos tirá-la da chuva.

Enquanto Tessa se movia em direção à carruagem, puxada pela garra esquelética da sra. Dark, a bruma clareou, revelando a imagem dourada pintada na porta lateral. As palavras "O Clube Pandemônio" se curvavam elaboradamente ao redor de duas cobras mordendo a cauda uma da outra, formando um círculo. Tessa franziu o rosto.

— O que isso significa?

— Nada com que precise se preocupar — disse a sra. Black, que já tinha entrado e espalhara a saia sobre um dos assentos de aspecto confortável.

O interior da carruagem era ricamente decorado com bancos macios de veludo roxo, um de frente para o outro, e cortinas douradas penduradas nas janelas.

A sra. Dark ajudou Tessa a subir e entrou em seguida. Enquanto Tessa se ajeitava no banco, a sra. Black esticou o braço para fechar a porta atrás da irmã, bloqueando o céu cinzento. Quando sorriu, os dentes brilharam na escuridão como se fossem de metal.

— Acomode-se, Theresa. Temos um longo caminho à frente.

Tessa colocou a mão no anjo mecânico no pescoço, confortando-se com a batida firme, enquanto a carruagem partia balançando através chuva.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 18 20/03/2012 09:51:56

Seis Semanas Depois

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 19 20/03/2012 09:51:56

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 20 20/03/2012 09:51:56

1

A Casa Sombria

Além deste local de ira e lágrimas
Ergue-se apenas o Horror da sombra.
— William Ernest Henley, "Invictus"

— As irmãs gostariam de vê-la em seus aposentos, srta. Gray.

Tessa repousou o livro que estava lendo na cabeceira, e se virou, vendo Miranda parada na entrada do quartinho — exatamente como fazia todos os dias a essa hora, entregando a mesma mensagem de todos os dias. Como sempre, Tessa solicitaria que esperasse no corredor, e Miranda deixaria o recinto. Dez minutos depois voltaria e diria a mesma coisa. Se Tessa não viesse de maneira obediente após algumas destas tentativas, Miranda a pegava e arrastava, sob protestos, pelas escadas até o quarto quente e malcheiroso no qual as Irmãs Sombrias esperavam.

Aconteceu todos os dias da primeira semana em que Tessa esteve na Casa Sombria, como passou a chamar o lugar em que a mantinham prisioneira, até eventualmente Tessa perceber que os protestos não ajudavam

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 21 20/03/2012 09:51:56

muito e apenas a faziam gastar energia. Energia que seria mais útil se conservada para outros fins.

— Um instante, Miranda — disse Tessa. A criada fez uma breve reverência desajeitada e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Tessa se levantou, olhando para o quartinho ao redor, sua cela há seis semanas. Era pequeno, com papel de parede florido e escassamente mobiliado — uma mesa de pinho com um tecido de renda branca em cima, onde fazia suas refeições; a cama estreita de metal onde dormia; um lavatório rachado e um jarro de porcelana para que pudesse se lavar; o parapeito onde guardava livros, e a pequena cadeira onde se sentava a cada noite e escrevia cartas para o irmão — cartas que sabia que jamais poderia mandar, que guardava escondidas sob o colchão, onde as Irmãs Sombrias não poderiam encontrar. Era a forma de manter um diário e de se assegurar, de algum jeito, de que voltaria a ver Nate um dia e poderia entregá-las a ele.

Atravessou o quarto até o espelho pendurado na parede oposta e ajeitou o cabelo. As Irmãs Sombrias, como de fato pareciam desejar ser chamadas, preferiam que não parecesse desarrumada, apesar de não aparentarem se incomodar com nada além disso em sua aparência — o que era bom, pois seu reflexo a fez recuar. Viu o formato oval do rosto pálido dominado pelos olhos ocos e cinzentos — um rosto de sombra, sem cor nas bochechas ou esperança na expressão. Estava com o negro vestido que a fazia parecer uma professorinha do interior, nada elegante, que as Irmãs lhe deram quando chegou; sua bagagem nunca veio, apesar das promessas, e esta agora era a única peça de roupa que possuía. Ela desviou o olhar rapidamente.

Nem sempre ela se encolhera diante do próprio reflexo. Nate, com sua beleza natural, era aquele sobre quem a família inteira concordava ter herdado a beleza da mãe, mas Tessa sempre se contentou com o próprio cabelo castanho suave e firmes olhos cinzentos. Jane Eyre tinha cabelo castanho, e muitas outras heroínas também. Além disso, não era tão ruim assim ser alta — mais alta do que a maioria dos meninos da sua idade, era verdade, mas a tia Harriet sempre dizia que, contanto que uma mulher alta se conduzisse bem, sempre pareceria suntuosa.

Não parecia suntuosa agora, no entanto. Parecia abatida, esfarrapada e no geral como um espantalho assustado. Ficou imaginando se Nate sequer a reconheceria se a visse.

Ao pensar nisso, seu coração pareceu encolher no peito. *Nate*. Era por ele que estava fazendo tudo isto, mas às vezes sentia tanta saudade dele que parecia ter engolido cacos de vidro. Sem Nate, estava completamente sozinha no mundo. Não havia ninguém por ela. Ninguém no mundo que se importasse se estava viva ou morta. Às vezes o horror desse pensamento ameaçava dominá-la e empurrá-la para uma escuridão sem fim da qual não retornaria. Se ninguém no mundo se importa com você, você sequer existe?

O clique da tranca interrompeu seus pensamentos abruptamente. A porta se abriu; Miranda estava na entrada.

— Está na hora de vir comigo — disse. — A sra. Black e a sra. Dark estão esperando.

Tessa olhou com desgosto para ela. Não conseguia adivinhar quantos anos Miranda teria. Dezenove? Vinte e cinco? Havia algo naquele rosto redondo e suave que tornava sua idade indecifrável. Tinha cabelos da cor de água de fosso, esticados firmemente atrás das orelhas. Da mesma forma que o cocheiro das Irmãs Sombrias, tinha olhos protuberantes como os de um sapo que faziam com que ela parecesse viver em constante estado de surpresa. Tessa supunha que fossem parentes.

Ao descerem juntas, Miranda marchando com passos curtos e deselegantes, Tessa levantou a mão para tocar a corrente da qual pendia o anjo mecânico. Era um hábito — algo que fazia cada vez que era forçada a ver as Irmãs Sombrias. De alguma forma, sentir o medalhão no pescoço a confortava. Continuou segurando ao passar por cada andar. Havia diversos níveis de corredores na Casa Sombria, apesar de Tessa não ter visto nada além dos aposentos das Irmãs Sombrias, os salões e as escadas, e o próprio quarto. Finalmente chegaram ao porão escuro. Lá embaixo era frio e as paredes eram pegajosas com umidade desagradável, mas aparentemente as Irmãs não se importarem. O escritório delas ficava à frente, atrás de amplas portas duplas. Um corredor estreito levava à outra direção, desaparecendo na escuridão; Tessa não fazia ideia do que havia naquele corredor, mas alguma coisa na densidade das sombras a deixava satisfeita por não ter que descobrir.

As portas do escritório das Irmãs estavam abertas. Miranda não hesitou, batendo seus tamancos para dentro, e Tessa a seguiu com grande relutância. Detestava este recinto mais do que qualquer outro lugar na terra.

Para começar, estava sempre quente e úmido lá dentro, como um pântano, mesmo quando o céu lá fora era cinzento e chuvoso. As paredes pa-

reciam ter infiltrações, e no estofamento das cadeiras e dos sofás o mofo florescia permanentemente. Também tinha um cheiro estranho, como as margens do Hudson em um dia quente: água, lixo e lodo.

As Irmãs já estavam lá, como sempre, sentadas atrás da enorme escrivaninha. Coloridas como de costume, a sra. Black usava um vestido rosa-salmão vibrante e a sra. Dark, um vestido azul-pavão. Sobre os cetins coloridos brilhantes, os rostos eram como balões cinzentos e vazios. Ambas usavam luvas apesar do calor.

— Deixe-nos agora, Miranda — disse a sra. Black, girando o pesado globo de bronze que ficava sobre a mesa com um dedo roliço coberto por uma luva branca. Tessa muitas vezes tentou olhar melhor para o globo, pois alguma coisa na disposição dos continentes nunca lhe pareceu certa, em especial o espaço no centro da Europa, mas as irmãs sempre o mantinham afastado dela. — E feche a porta quando sair.

Sem expressão, Miranda fez como solicitado. Tessa tentou não se encolher enquanto a porta se fechava atrás de si, cortando qualquer sinal de brisa que pudesse entrar naquele local abafado.

A sra. Dark tombou a cabeça para o lado.

— Venha aqui, Theresa. — Das duas mulheres, ela era a mais gentil, mais inclinada a adular e persuadir do que a irmã, que gostava de argumentar com tapas e ameaças sibiladas. — E pegue isto.

Ela lhe estendeu alguma coisa. Um pedacinho de tecido rosa em mau estado, do tipo que poderia ser usado como um laço para prender o cabelo de uma menina.

Já estava acostumada a receber coisas das Irmãs Sombrias a essa altura. Coisas que outrora pertenceram a outras pessoas: alfinetes de gravata e relógios de pulso, joias de luto e brinquedos de criança. Uma vez os cadarços de uma bota; em outra ocasião, um único brinco, manchado de sangue.

— Pegue isto — disse novamente a sra. Dark, com um toque de impaciência na voz. — E Transforme.

Tessa pegou a fita. Segurou-a na mão, leve como a asa de uma mariposa, e as Irmãs Sombrias a encararam, impassíveis. Lembrou-se de livros que lera, romances nos quais as personagens aguardavam, trêmulas, por um julgamento no Old Bailey, rezando por um veredicto positivo. Frequentemente se sentia como se estivesse sendo julgada neste cômodo, sem saber de que crime era acusada.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 24 20/03/2012 09:51:56

Virou o laço na mão, lembrando-se da primeira vez que as Irmãs Sombrias lhe entregaram um objeto — uma luva de mulher, com botões de pérola no punho. Gritaram para ela Trocar, estapearam-na e a sacudiram, enquanto Tessa repetia sem parar e em uma histeria crescente que não fazia ideia do que estavam falando, não fazia ideia do queriam que fizesse.

Não chorou, apesar de sentir vontade. Tessa detestava chorar, principalmente na frente de pessoas em quem não confiava. E, das duas únicas pessoas no mundo nas quais confiava, uma estava morta e a outra, aprisionada. As Irmãs Sombrias disseram isso a ela; disseram que estavam com Nate, e que se não fizesse o que mandassem, ele morreria. Mostraram a ela o anel dele, o que havia pertencido ao seu pai — agora manchado de sangue — para provar. Não a deixaram segurar ou tocar, guardaram de volta quando tentou alcançá-lo, mas ela reconheceu. Era de Nate.

Depois disso fez tudo o que pediram. Tomou as poções que lhe deram, fez horas de exercícios agonizantes, se forçou a pensar do jeito que queriam que pensasse. Pediram que se imaginasse como barro, sendo moldada e esculpida na roda de um artista, amorfa e mutável. Disseram-lhe para se projetar nos objetos que lhe davam, para imaginá-los como coisas vivas, e para retirar o espírito que os animava.

Levou semanas, e na primeira vez que Tessa se Transformou, sentiu uma dor tão atordoante que vomitou e desmaiou. Quando acordou, estava deitada em uma das cadeiras nos aposentos das Irmãs Sombrias com uma toalha úmida no rosto. A sra. Black estava inclinada sobre ela, o hálito amargo como vinagre, os olhos iluminados.

— Você foi bem hoje, Theresa — dissera. — Muito bem.

Naquela noite, quando Tessa foi para o quarto, havia presentes para ela na cabeceira: dois novos livros. De algum jeito, as Irmãs Sombrias perceberam que ler romances era a paixão de Tessa. Tinha uma cópia de *Grandes esperanças* e — quem diria — *Mulherzinhas*. Tessa abraçou os livros e, sozinha, sem ninguém que a vigiasse no quarto, se permitiu chorar.

Transformar ficou mais fácil depois daquilo. Tessa ainda não entendia o que tinha acontecido dentro dela que tornava aquilo possível, mas decorou a série de instruções que as Irmãs Sombrias ensinaram, do jeito que uma pessoa cega poderia memorizar o número de passos necessários para ir da cama até a porta do quarto. Não sabia o que havia em volta de si no lugar estranho e escuro pelo qual pediam que passasse, mas conhecia o caminho.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 25 20/03/2012 09:51:56

Tessa invocava aquelas lembranças agora, apertando o pedaço de tecido rosa esfarrapado que segurava. Abriu a mente e deixou a escuridão invadir, a conexão que a ligava ao laço de cabelo e o espírito no interior do objeto — o eco fantasmagórico da pessoa que outrora o possuiu — se desenrolar como um fio dourado atravessando as sombras. O aposento em que estava, o calor sufocante, a respiração barulhenta das Irmãs Sombrias, tudo desaparecia enquanto ela seguia o fio, na medida em que a luz se intensificava ao redor e Tessa se enrolava nela como se estivesse se embrulhando em um cobertor.

Sua pele começou a formigar sob as pontadas de milhares de levíssimos choques. Das outras vezes, esta tinha sido a pior parte — a parte que a fizera pensar que estava morrendo. Agora estava acostumada, e suportava estoicamente enquanto estremecia por inteiro, do couro cabeludo aos dedos dos pés. O anjo mecânico em volta da garganta parecia bater mais rápido, como que no ritmo de seu coração acelerado. A pressão dentro de si cresceu — Tessa engasgou — e seus olhos, que estavam fechados, se abriram quando a sensação chegou a um clímax — e depois desapareceu.

Acabou.

Ela piscou, tonta. O primeiro instante após a Transformação era sempre como piscar para tirar a água dos olhos depois de ficar mergulhado em uma banheira. Olhou para si mesma. Seu novo corpo era delicado, quase frágil, o tecido meio solto do vestido se acumulava no chão aos seus pés. As mãos, entrelaçadas diante de si, eram pálidas e esguias, com as pontas dos dedos rachadas e unhas roídas. Mãos alheias, estranhas.

— Qual é o seu nome? — perguntou a sra. Black, que ficara de pé e olhava para Tessa com os olhos claros brilhando. Parecia quase faminta.

Tessa não precisou responder. A menina cuja pele vestia respondeu por ela, falando da forma como se dizia que espíritos falavam através de seus médiuns — mas Tessa detestava pensar desta maneira; a Transformação era muito mais íntima, muito mais assustadora que isso.

— Emma — disse a voz que veio de Tessa. — Srta. Emma Bayliss, senhora.

— E quem é você, Emma Bayliss?

A voz respondeu, as palavras se atropelando para fora da boca de Tessa, trazendo consigo imagens fortes. Nascida em Cheapside, Emma tinha sido uma entre seis filhos. O pai estava morto, e a mãe vendia água mentolada em um carrinho no East End. A menina tinha aprendido a costurar

para trazer dinheiro para casa quando ainda era bem pequena. Passava as noites sentada à mesinha na cozinha, costurando sob a luz de uma vela de sebo. Às vezes, quando a vela acabava e não tinha dinheiro para outra, saía às ruas e se sentava sob uma das lâmpadas de gás do município, usando a luz para costurar...

— Era isso que estava fazendo na rua na noite em que morreu, Emma Bayliss? — perguntou a sra. Dark. Ela esboçava um sorriso tênue agora, passando a língua no lábio inferior, como se pudesse sentir qual seria a resposta.

Tessa viu ruas estreitas e sombrias envoltas em névoa espessa, uma agulha prateada trabalhando sob o brilho fraco e amarelo da lâmpada de gás. Um passo, abafado na névoa. Mãos que se esticaram das sombras e a agarraram pelos ombros, mãos que a arrastavam, gritando, para a escuridão. A agulha e a linha caindo, os laços arrancados do cabelo enquanto lutava. Uma voz áspera gritando algo furiosamente. E depois o brilho da lâmina prateada de uma faca descendo pelo escuro, cortando sua pele, arrancando sangue. Dor que parecia fogo, e pavor como nada que jamais conhecera. Chutou o homem que a segurava, tendo êxito em arrancar a adaga de sua mão; pegou a lâmina e correu, tropeçando enquanto enfraquecia, o sangue vazando depressa, tão depressa. Encolheu-se em um beco, ouvindo o grito sibilado de *alguma coisa* atrás. Sabia que estava atrás dela, e torceu para morrer antes que aquilo a alcançasse...

A Transformação estilhaçou como vidro. Com um grito, Tessa caiu de joelhos, o laço rasgado escapando de sua mão. Era a mão *dela* outra vez — Emma tinha ido embora, como uma pele descartada. Tessa estava novamente sozinha na própria mente.

A voz da sra. Black veio de longe.

— Theresa? Onde está Emma?

— Está morta — sussurrou Tessa. — Morreu em um beco, sangrou até a morte.

— Ótimo. — A sra. Dark exalou um ruído de satisfação. — Muito bem, Theresa. Foi muito bom.

Tessa não disse nada. A frente do seu vestido estava manchada de sangue, mas ela não sentia dor. Sabia que não era o sangue dela própria; não era a primeira vez que isso acontecia. Fechou os olhos, girando na escuridão, obrigando-se a permanecer consciente.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 27 20/03/2012 09:51:56

— Deveríamos ter feito isto antes — disse a sra. Black. — A questão desta menina Bayliss tem me incomodado.

A resposta da sra. Dark foi curta:

— Não tinha certeza de que ela conseguiria. Você se lembra do que aconteceu com aquela mulher, Adams.

Tessa soube imediatamente do que estavam falando. Há semanas passara uma Transformação por: uma mulher que havia morrido com um tiro no coração. O sangue escorreu pelo vestido de Tessa, que interrompeu na hora o procedimento, gritando histericamente até as Irmãs mostrarem que ela não estava ferida.

— Ela progrediu muito desde então, não acha, Irmã? — disse a sra. Black. — Considerando com o que tivemos de trabalhar no início... Nem sabia o que ela *era*.

— De fato, era absolutamente sem forma, como *barro* — concordou a sra. Dark. — Operamos um verdadeiro milagre aqui. Não consigo ver como o Magistrado não se agradaria.

A sra. Black engasgou.

— Isso significa... Você acha que é a *hora*?

— Ah, absolutamente, querida irmã. Ela está mais pronta do que nunca. Hora de nossa Theresa conhecer seu mestre. — Havia uma nota de regozijo na voz da sra. Dark, um som tão desagradável que cortou a tontura cegante de Tessa.

Do que estavam falando? Quem era o Magistrado? Observou com os olhos meio fechados enquanto a sra. Dark sacudiu o sino que chamaria Miranda, para que ela levasse Tessa de volta ao quarto. Parecia que a aula estava encerrada por hoje.

— Talvez amanhã — disse a sra. Black —, ou até hoje à noite. Se dissermos ao Magistrado que ela está pronta, duvido que ele não venha imediatamente.

A sra. Dark, saindo de trás da mesa, riu.

— Entendo que está ansiosa para ser remunerada por todo o nosso trabalho, querida irmã. Mas Theresa não deve simplesmente estar *pronta*. Deve estar... apresentável, além de capacitada. Não concorda?

A sra. Black, seguindo a irmã, murmurou uma resposta que foi interrompida quando a porta se abriu e Miranda entrou. Estava com o mesmo olhar vazio de sempre. A visão de Tessa agachada e sangrando no chão

não pareceu despertar qualquer surpresa nela. Se bem que, Tessa pensou, provavelmente já vira coisas muito piores naquela sala.

— Leve a menina de volta para o quarto, Miranda. — A ansiedade abandonara a voz da sra. Black, deixando-a completamente ríspida outra vez. — Pegue as coisas que lhe mostramos, e a deixe vestida e arrumada.

— As coisas... que me mostraram? — Miranda soou confusa.

A sra. Dark e a sra. Black trocaram um olhar enojado e se aproximaram de Miranda, bloqueando a visão de Tessa da moça. Tessa as ouviu sussurrando para ela e captou algumas palavras — "vestidos" e "quarto de vestir" e "faça o que puder para deixá-la bonita", e finalmente, Tessa ouviu o cruel "não tenho certeza se Miranda é *esperta* o bastante para obedecer instruções vagas assim, irmã".

Deixá-la bonita. Mas o que importava se estava bonita ou não quando podiam forçá-la a ficar como quisessem? Que diferença fazia qual era sua verdadeira aparência? E por que o Magistrado se importaria? No entanto, o comportamento das Irmãs deixava muito claro que elas acreditavam que ele ligaria.

A sra. Black saiu do recinto e a irmã atrás, como sempre. Na porta a sra. Dark parou e olhou novamente para Tessa.

— Lembre-se, Theresa — disse — de que este dia, esta noite, é a razão de toda a nossa preparação. — Segurou a saia com as duas mãos ossudas. — *Não* nos desaponte.

Deixou a porta bater atrás de si. Tessa se encolheu com o barulho, mas Miranda, como sempre, não parecia nem um pouco afetada. Durante todo o tempo que tinha passado na Casa Sombria, Tessa jamais tinha conseguido surpreender a garota ou pegá-la com uma expressão despreparada no rosto.

— Venha — disse Miranda. — Temos que subir agora.

Tessa se levantou devagar. Sua mente girava. A vida na Casa Sombria era terrível, mas Tessa tinha — percebia agora — quase se acostumado. Sabia o que esperar a cada dia. Sabia que as Irmãs Sombrias a estavam preparando para alguma coisa, mas não sabia o quê. Acreditara — ingenuamente, talvez — que não a matariam. Por que desperdiçar todo este treinamento se ela fosse morrer?

Mas alguma coisa no tom malicioso de satisfação da sra. Dark a fez reconsiderar. Alguma coisa tinha mudado. Tinham alcançado o que queriam com ela. Seriam "pagas". Mas quem faria o pagamento?

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 29 20/03/2012 09:51:56

— Vamos — disse Miranda novamente. — Temos que prepará-la para o Magistrado.

— Miranda — disse Tessa suavemente, como teria feito com um gato nervoso. Miranda jamais havia respondido alguma pergunta de Tessa antes, mas isso não significava que não valia a pena tentar. — Quem é o Magistrado?

Fez-se um longo silêncio. Miranda olhou para a frente, o rosto impassível. Então, para surpresa de Tessa, falou:

— O Magistrado é um grande homem — disse. — Ser casada com ele será uma honra para você.

— *Casada?* — ecoou Tessa. O choque foi tão intenso que de repente conseguiu ver todo o recinto com mais clareza: Miranda, o tapete sujo de sangue no chão, o globo pesado de bronze na mesa, ainda inclinado na posição em que a sra. Black o deixara. — Eu? Mas... quem é ele?

— É um grande homem — disse Miranda novamente. — Será uma honra. — Foi em direção a Tessa. — Deve vir comigo agora.

— Não. — Tessa recuou se afastando da menina, indo para trás até as costas baterem dolorosamente contra a mesa. Olhou em volta desesperada. Poderia correr, mas jamais passaria por Miranda até chegar à porta; não havia janelas, nem portas para outros cômodos. Caso se escondesse atrás da escrivaninha, Miranda simplesmente a arrastaria para o quarto. — Miranda, *por favor*.

— Precisa vir comigo agora — repetiu Miranda; estava quase alcançando Tessa. Tessa podia se ver refletida nas pupilas negras da outra menina, sentia o cheiro fraco, amargo, quase carbonizado das roupas e da pele de Miranda. — Precisa...

Com uma força que não sabia que tinha, Tessa pegou a base do globo de bronze na mesa, levantou, e bateu com toda força na cabeça de Miranda.

O choque fez um barulho nauseante. Miranda cambaleou para trás, se endireitando em seguida. Tessa soltou um gritinho e derrubou o globo, olhando fixamente para ela — todo o lado esquerdo do rosto de Miranda estava amassado para dentro como uma máscara de papel que tivesse sido esmagada de um dos lados. A maçã do rosto estava plana, o lábio misturado com os dentes. Mas não havia sangue, sangue nenhum.

— Precisa vir comigo agora — disse Miranda, como o mesmo tom que sempre usava.

Tessa ficou pasma.

— Você precisa vir... você p-precisa... você... você... você... vvvvvvvvv — a voz de Miranda estremeceu e se interrompeu, degenerando-se em um fluxo sem nexo.

Ela foi em direção a Tessa, e então fez um movimento abrupto para o lado, se contorcendo e cambaleando. Tessa virou-se e começou a recuar enquanto a menina ferida girava, cada vez mais rápido. Cambaleou pela sala como um bêbado, ainda gritando, e bateu na parede oposta, o que pareceu deixá-la inconsciente. Caiu no chão e ficou ali, parada.

Tessa correu para a porta e saiu pelo corredor, parando apenas uma vez para olhar para trás. Pareceu, naquele breve instante, que um fio de fumaça negra se erguia do corpo de Miranda, mas não havia tempo para encarar. Tessa disparou pelo corredor, deixando a porta aberta atrás de si.

Correu para as escadas e as subiu de qualquer maneira, quase tropeçando na saia, e bateu o joelho dolorosamente em um dos degraus. Gritou e seguiu esbarrando até o primeiro andar, onde arrancou pelo corredor. Ele se prolongava à frente, longo e curvo, desaparecendo nas sombras. Enquanto corria, viu que era repleto de portas. Parou e tentou uma delas, mas estava trancada, assim como a seguinte, e a outra depois. Mas tinha que haver uma porta da frente, não é?

Outro conjunto de degraus levava ao fim do corredor. Tessa correu e se viu em um hall de entrada. Parecia ter sido grandioso em outra época — o chão era de mármore manchado e rachado, e havia janelas altas nas laterais cobertas por cortinas. Um pouco de luz se filtrava através das rendas, iluminando uma enorme porta dupla. O coração de Tessa deu um salto. Ela mergulhou para alcançar a maçaneta, a girou, e a porta se abriu.

Havia uma rua estreita de paralelepípedos além, com fileiras de casas com varandas em ambos os lados. O cheiro da cidade atingiu Tessa como um golpe — fazia muito tempo desde que tinha respirado o ar da rua. Estava quase escuro, o azul-escuro do crepúsculo obscurecido por pedaços de névoa. Ao longe ouvia vozes, crianças gritando, o ruído de cascos de cavalo. Mas ali a rua estava quase deserta, exceto por um homem apoiado em um poste próximo, lendo o jornal sob a luz.

Tessa desceu os degraus em direção ao estranho, pegando-o pela manga.

— Por favor, senhor... se puder me ajudar...

Ele se virou e olhou para ela.

Tessa reprimiu um grito. O rosto estava tão branco e ceroso como no primeiro dia em que o viu, no porto em Southampton; os olhos esbugalhados ainda lembravam os de Miranda e os dentes brilharam como metal quando sorriu.

Era o cocheiro das Irmãs Sombrias.

Tessa se virou para correr, mas era tarde demais.

Anjo_Mecanico-NOVO.indd 32 20/03/2012 09:51:56